

“Chega de bullying”: Reflexões Sobre a Mobilização de Crianças e Adolescentes Contra o *Bullying* Através da Internet¹

Romulo Tondo²

Mestrando POSCOM/UFSM

Juliana Lima Moreira Rhoden³

Doutoranda PPGE/UFSM – Docente Unipampa/São Borja

Valmor Rhoden⁴

Doutor, Docente da Unipampa/São Borja

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar de forma plural e horizontal, o programa de responsabilidade social do canal por assinatura Cartoon Network Brasil, através da bandeira Movimento Cartoon - “Chega de Bullying: não fique calado” - no combate a prática de bullying contra crianças e adolescentes. Para lucidar a temática, abordaremos no transcorrer deste artigo a evolução dos Direitos da Criança e do Adolescente, a mobilização social na Web 2.0 e as políticas antibullying em fase de implantação no cenário nacional e já implementadas no estado do Rio Grande do Sul. Para isso, consideramos que o site do presente programa como o principal instrumento para difundir informação e conhecimento sobre a temática, bem como sua interface, conteúdo e elementos imagéticos. Nesta perspectiva, acredita-se que o programa de mobilização social cumpre com o objetivo de (in)formar sobre os principais aspectos desta violência que vem ganhando cada vez mais espaço para discussão na sociedade atual.

Palavras-chave: *Bullying*; Criança e Adolescente; Internet; Movimento Cartoon; Violência;

1

Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Educação e CiberCultura, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM- SP.

2

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Jornalista (UFSM/2012) e Especialista em Políticas e Intervenção em Violência Intrafamiliar (Unipampa/2013). Bolsista Capes. E-mail: romulotondo@gmail.com

3

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Ciências da Linguagem (Unisul/2005), Psicóloga (Unijuí/1995). Docente da Universidade Federal do Pampa, *campus* São Borja. E-mail: juli.rhoden@gmail.com

4

Doutor pela PUCRS. Mestre em Extensão Rural (UFSM), Relações Públicas (UFSM). Docente da Universidade Federal do Pampa, *campus* São Borja.

Considerações Iniciais

Vivemos em uma sociedade competitiva onde, a desigualdade é algo inevitável, não importando em que contexto a desigualdade esteja inserida. Seja ela intelectual ou financeira, ela é responsável por grande parte dos conflitos e da consumação da violência que presenciamos no cotidiano social. Para Maria Cecilia de Souza Minayo, em entrevista⁵ ao portal da Sociedade Brasileira de Pediatria, diz que quando “falamos em violência estamos trabalhando com relações desiguais, em que um tenta dominar, agredir física ou emocionalmente, ou ainda se omite de seu papel em relação ao outro” (1999). Na tentativa de unificar um conceito sobre violência, em 1981, a Organização Mundial da Saúde (OMS) a definiu como “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis” (OMS, 1998). A conceituação elaborada pela OMS nos mostra que a violência não é somente aquela visível, mas também aquela atrelada ao psicológico de uma pessoa.

A questão da violência é componente real de muitos aspectos da ordem social. Para nós, o olhar sobre a violência ganha um foco de reflexão acadêmico e determina nossa motivação para a construção deste artigo. Ou seja, este texto tem como objetivo analisar o site “Chega de Bullying⁶”, integrante do Movimento Cartoon, programa de responsabilidade social⁷ dos canais do Cartoon Network América Latina, na perspectiva da violência contra criança e adolescente no que tange a campanha de não violência, mais precisamente na prática do *bullying* na sociedade contemporânea. Acreditamos que a prática deste tipo de violência não acontece somente no ambiente escolar, mas também em espaços públicos, privados e virtuais, caracterizando-se por uma violência não só física, mas também como psicológica.

Ao longo deste artigo iremos abordar questões relacionadas com o direito da criança e do adolescente como sujeitos de direitos, e como o “conceito” de criança evoluiu juntamente com o posicionamento dos adultos perante este sujeito em período

5 Entrevista concedida pela pesquisadora para a Sociedade Brasileira de Pediatria. Conteúdo disponível através do link < <http://goo.gl/zs9jV> >

6 É possível acessar as atualizações do Programa no endereço <www.chegadebullying.com.br>

7 Este texto não possui intenção de desdobrar o conceito de responsabilidade social, mas a importância de um projeto de cunho social desenvolvido como tentativa de somar esforços na construção de uma sociedade que tenha ações voltadas para a cultura de paz utilizando-se da comunicação midiática.

desenvolvimento biopsicosocial. Atentamos também sobre leis que protegem a criança e o adolescente, principalmente ao Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como as novas leis antibullying, que visam muito mais que mediar os atores sociais envolvidos nesta violência, mas para a conscientização desta problematização. Também, acreditamos que é necessário compreender como a mobilização digital vem ocorrendo nas redes sociais, mesmo sabendo que este movimento tem como público crianças e adolescentes, algo diferente dos demais movimentos digitais que são realizados por adultos ou jovens que já sabem como utilizar-se das redes para impulsionar suas reais intenções. E por fim, analisamos o site “Chega de Bullying”, como principal instrumento de informação e articulação do movimento idealizado pelo canal Cartoon Network, no que tange a questão de conteúdo disponibilizado em uma interface digital que venha estimular a participação e interação de crianças a não violência aos seus pares, no caso o *bullying*.

A Construção dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes

A evolução da humanidade nos faz confrontar diversos olhares (co) relacionando novos e velhos paradigmas. As transformações ocorridas principalmente após metade do século XX, quando a sociedade sofreu grande impacto e transformação no campo econômico, político, social e cultural, fez com que o homem começasse a questionar outras possibilidades e referências acerca do seu conhecimento, trazendo adaptações e crescimento para a sociedade.

Em suas pesquisas o historiador francês Philippe Ariès, estrutura, a concepção da infância demarcando estas através de três momentos da evolução da história da humanidade: na Antiguidade, no século XIII ao século XVIII e no século XVIII a atualidade. Para o historiador, a expressão artística foi capaz de demonstrar os principais costumes relacionados à criança, principalmente a pintura, que traz como ponto inicial de sua análise do descaso na hora de representar a figura das crianças. “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.” (ARIÈS, 1981, p.50). Já Mary Del Priore (2007), historiadora brasileira, afirma que em contraponto à história dos países europeus e dos norte-americanos, devemos estar

alerta a outras formas mais sensíveis de educação para contextualização sobre a infância no Brasil. Pois na história brasileira, a criança passou por diferentes organizações sejam de assistência pública ou privada, que foram incumbidas em um determinado tempo a assistir tais sujeitos, sendo responsáveis por lhes proporcionarem melhores condições de vida. Para Del Priore (2007), muitas vezes, a história da criança brasileira estava às sombras do adulto, desta maneira, que sofreram maus tratos e muitas vezes foram ignoradas e deixadas sofrer em silêncio, da exploração sexual nas embarcações portuguesas ao *bullying* na sociedade atual. Del Priore diz que a história da criança brasileira:

[...] é diferentemente da história feita no estrangeiro, a nossa não se distingue daquela dos adultos. Ela é feita, ao contrário, à sua sombra. No Brasil, foi entre pais, mestres, senhores e patrões, que pequenos corpos tanto dobraram-se à violência, às humilhações, à força, quanto foram amparados pela ternura dos sentimentos familiares mais afetuosos. (DEL PRIORE, 2007, pg.14).

Desta forma o sujeito em desenvolvimento, doravante nominado como criança e ou adolescentes, são alvos de violências em diferentes épocas e de diferentes civilizações, como parte integrante da constante social. Segundo Arantes (2011) a partir do artigo 227 da Constituição Federal de 1988, o Brasil haveria adotado não somente a Declaração Universal dos Direitos da Criança, mas também o pré-texto da Convenção destes mesmos direitos.

Em 13 de julho de 1990, é promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente, considerada uma das normativas mais avançadas direcionadas à infância e adolescência, a lei prevê que a criança e o adolescente são “sujeito de direitos pessoa em condição peculiar de desenvolvimento” (BRASIL, 1990). Neste cenário, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) veio suprir uma demanda à assistência ao público infanto-juvenil, passando de um Código feito por poucos (magistrados) para um Estatuto realizado por uma série de pessoas envolvidas em uma sociedade articulada. Mais recentemente, atores sociais e governantes vêm articulando ações e Projetos de Lei (PL) que visam articular o enfrentamento ao bullying principalmente em ambiente escolar. Em esfera nacional, tramita o Projeto de Lei (PL) que institui o Programa de Combate ao “Bullying”, que prevê ações através do Ministério da Educação, sendo este responsável por intensificar e fomentar o programa em esfera

nacional. Atentamos, neste PL, o inciso f do artigo 4, que prevê “integrar os meios de comunicação de massas com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e a forma de preveni-lo e combatê-lo”, mostrando a importância da comunicação midiática na articulação e prevenção do *bullying* na sociedade contemporânea.

Em contrapartida, existem estados que já dispõem de suas próprias leis antibullying, exemplo disto é a Lei do *bullying*, do Estado do Rio Grande do Sul, que visa “o combate da prática de ‘*bullying*’ por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos”. (RS, Nº 13.474, de 28 de junho de 2010). Em seus artigos a lei caracteriza as principais incidências de bullying, em ambiente escolar e ou virtual (no caso do *cyberbullying*), e prevê que as instituições de ensino devem conter políticas antibullying que visam fortalecer ações que venham compreender este tipo de violência além de orientar as vítimas, os agressores e as famílias dos envolvidos.

Já em esfera municipal podemos destacar a iniciativa do município de São Borja, através do Projeto de Lei nº 086 de 2013, que prevê o "desenvolvimento de medidas de conscientização, prevenção e combate ao bullying escolar no município de São Borja", ressaltando assim a importâncias do enfrentamento ao bullying em ambiente escolar e ações como o “Hora de Falar de Bullying⁸”, projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal do Pampa, como ferramenta de prevenção ao *bullying* em ambiente escolar, capacitando educadores e trabalhando de forma lúdica a temática com os educandos.

Mobilização Social na Web 2.0

A sociedade está em constante processo de (re)construção de saber(es). Manuel Castells em sua contribuição para o campo das Ciências Sociais, apresenta uma profunda análise do quanto a morfologia das sociedades contemporâneas (início da década de 60 e 70) avançaram devido a globalização, uso e apropriação das tecnologias da informação e comunicação (TIC), que são postas em meio de

8 No site do projeto “Hora de Falar de Bullying” www.horadefalardebullying.com.br, você pode obter mais informações sobre as atividades desenvolvidas no projeto de extensão.

profundas mudanças em relação as relações sociais, nos sistemas políticas e nos valores.

Toro (1996) afirma que muitas vezes o caráter de mobilização social é confundido por muitos por manifestações públicas, no entanto, a mobilização social somente ocorre quando um “grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos”. (TORO, 1996, p.5). Para além da construção do caráter de mobilização, o autor acredita que a mobilização social é um ato de escolha, já que o sujeito é convidado a participar das ações, podendo desta forma participar ou não das ações que venham atender um objetivo pré-determinado e comum a todos. Nesta concepção, Toro (1996, p. 5) acredita que a mobilização social:

pressupõe uma convicção coletiva da relevância, um sentido de público, daquilo que convém a todos. Para que ela seja útil a uma sociedade ela tem que estar orientada para a construção de um projeto de futuro. Se o seu propósito é passageiro, converte-se em um evento, uma campanha e não em um processo de mobilização. A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados quotidianamente. (TORO, 1996, p.5)

Nesta perspectiva, Toro aponta o potencial de mudança das mobilizações sociais, mostrando que um dos principais motivos desta união em benefício social é constante e tem como objetivo final a transformação. Para o pesquisador, a transformação ocorre quando os cidadãos tomam conhecimento que suas ações são capazes de construir algo que venha melhorar a sociedade em que eles estão inseridos. Assim a mobilização, é fruto da cidadania participativa, “quando as pessoas assumem que têm nas mãos o seu destino e descobrem que a construção da sociedade depende de sua vontade e de suas escolhas, aí a democracia pode tornar-se uma realidade” (TORO, 1996, p. 7).

Devemos atentar que vivemos em uma sociedade em rede, ou seja, antes mesmo da construção da web como a conhecemos, já nos encontrávamos conectados através da rede social, seja familiar ou comunitária, ela nos aproximava de outros sujeitos que são capazes de fazer a construção do nosso social. O termo rede vem ganhando cada vez mais o vocabulário dos indivíduos, principalmente de crianças e adolescentes, já que o meio digital utiliza-se do termo para sites de relacionamento

coletivo como o Facebook, Twitter, Instagram e outros. Segundo a pesquisadora Raquel Recuero (2013), basta o usuário logar as redes sociais digitais para ter acesso ao que seus amigos e contatos estão fazendo. Contudo, Recuero (2013) avalia que houve uma transformação com o uso e apropriações das tecnologias por parte do sujeito, onde foi capaz de reconfigurar noções da realidade social, tal qual a amizade. Nas palavras da Recuero:

A natureza dos laços sociais também sofreu alterações. Aqueles laços que antes necessitavam da interação para ser construídos (laços emergentes, como chamamos), passaram a ser construídos também pela associação (laços associativos) e passaram a ser mantidos pelos próprios sites (Recuero, 2009, p.-)

Assim, Recuero, acredita que o uso das redes sociais na atualidade é capaz de criar uma conservação em Rede, ou seja, nas perspectivas da autora, este fenômeno diz respeito a interações verbais entre atores, onde estes “constroem relações sociais e dividem informações e valores sociais” (Recuero, 2013, p.3).

A rede social virtual, em uma perspectiva minimalista é o ponto de encontro de diferentes gerações que estão conectadas em um espaço virtual que pode agregar diferentes formas de pensar. Fernando Barreto, em seu texto no livro “Para entender as mídias Sociais” apresenta uma perspectiva sobre a mobilização da rede. Já que mesmo antes da criação das redes sociais virtuais, os homens já realizavam agrupamentos e mobilizações para atingir um objetivo maior. Para Barreto, tudo está relacionado à forma como estes sujeitos se comunicam, ou seja, “hoje tudo pode ser feito online. Bastam instantes para um número enorme de pessoas. O custo de participação é menor e o leque de temas e opções é infinitamente maior” (BARRETO, p. 162-163). Este tipo de mobilização social, mesmo que na forma digital, faz com que “mais pessoas têm voz para falar de assuntos que lhes interessam com maior ou menor conhecimento de causa, sem hierarquia e com pluralidade de olhares” (BARRETO, p.163).

As mobilizações sociais virtuais ganham características agregadoras no ambiente virtual, em outras palavras, as redes sociais digitais vêm impulsionar o que atores sociais produzem e articulam no espaço fora da rede mundial de computadores, sendo que estes espaços são de usos e apropriações da internet e das redes sociais para

atingir o maior número de pessoas engajadas. Para Castells (2012), as redes sociais na internet se caracterizam como espaços digitais autônomos fora do controle de governos ou corporações midiáticas. Isso favorece como um espaço potencial para o desenvolvimento de ações plurais e horizontais que visam melhorar a situação de atividades do cotidiano social de seus interagentes.

O *Bullying*: Como Fenômeno contemporâneo

Debater sobre questões relacionadas à tematização do bullying e as suas consequências na sociedade contemporânea é de extrema importância. Este tipo de violência, recorrente no ambiente escolar, é capaz de fazer com que pesquisadores e profissionais da rede de proteção da criança e adolescente, educadores e empresas reflitam sobre ações transformadoras, que venham colaborar com a transformação social, principalmente a partir de relatos de práticas bem sucedidas na prevenção deste tipo de violência.

As violências são entendidas por diferentes culturas, como o uso excessivo do emprego de força contra algo ou alguém. Entende-se, ainda, como violência toda ação contrária à ordem ou a disposição da natureza. Também pode ser compreendida como qualquer ação que se afasta de sua natureza, que invade os limites de tolerância pessoal e ou social e, não respeita a peculiaridade da pessoa humana. Uma das formas de violência debatida e que tem merecido atenção por parte de pesquisadores de diferentes áreas, e foco deste artigo de especialização, é denominada na literatura internacional como bullying. De acordo com os estudos desenvolvidos por Telma Brito Rocha, o *bullying* é pode ser compreendido através da sua origem inglesa:

A expressão inglesa derivada do adjetivo bully, que significa valentão, brigão. Foi cunhado pela primeira vez pelo noroegês Dan Olweus, em 1970. Em sua definição, bullying refere-se a exposição de um indivíduo ou grupo de indivíduos a ações negativas, que envolvem comportamento agressivo e incomoda o outro por meio de palavras, ações, contatos físicos, gestos obscenos, exclusão, etc. (ROCHA, 2012; p. 24).

Bullying é como se caracterizam todas as formas de atitudes agressivas intencionais e recorrentes, sem uma motivação evidente, praticadas por crianças e adolescentes, ou por seus pares. Esse tipo de comportamento, causa nas pessoas que

são o alvo sentimentos como: a humilhação, a dor e a angústia e pode ser manifestado em qualquer lugar onde existam relações interpessoais, como na escola, no ambiente familiar ou até na internet. Este tipo de violência trata-se de um comportamento na maioria das vezes consciente, intencional, deliberado, hostil e repetido, de uma ou mais pessoas, cuja intenção é ferir um sujeito, que por muitas vezes ocupa uma posição vista pelos “valentões” como inferior a deles. Para Tognetta (2009) o bullying está ligeiramente relacionado com o conflito de indivíduos ou simplesmente de um sujeito. Para a pesquisadora existe uma diferença entre o bullying e o conflito normal e cotidiano, sendo que “o primeiro seria um conflito somado à agressão, o que torna doloroso demais e por isso a seriedade do assunto” (Tognetta, 2009, p.167).

Com os avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação, o bullying é versado em outros ambientes, migrou do off-line a ganhou o ambiente virtual, mostrando que o ciberespaço é também um ambiente capaz de agregar qualquer tipo de informação sem restrições, fazendo com que os praticantes tenham na internet um ambiente propício para a prática deste tipo de violência. Esta nova modalidade de bullying, chamamos de cyberbullying e sendo debatido por diferentes profissionais de diferentes áreas como Comunicação, Psicologia, Serviço Social e Educação.

O cyberbullying ocorre quando uma ou mais pessoas resolvem humilhar, apelidar, isolar outra pessoas, através do ambiente digital, sejam através de sites, blogs, comunicadores instantâneos, e-mails maldosos, difamações e até a utilização de perfis pessoais ou *fakes* em redes sociais digitais, ou seja, utilizam de todas as possibilidades que os recursos tecnológicos lhes oferecem. As agressões por meio digital costumam ocorrer devido à sensação de anonimato. Esta ideia ocorre por não existir o confronto direto, sendo assim, o cyberbullying, geralmente, não costuma tratar de agressões físicas, e sim morais, o que pode agravar mais o transtorno das vítimas, já que no ambiente virtual os autores da agressão podem manter suas identidades em perfis anônimos.

De acordo com Silva (2010, p 134), aqueles que praticante com maior frequência o cyberbullying são os adolescentes, e não é por acaso. A autora fala sobre duas categorias de adolescentes: uma composta por indivíduos que comportamentos pouco altruístas somente durante a adolescência, e outra composta por um pequeno

número de indivíduos que demonstram comportamentos não altruístas desde a infância, o que se mantém ao longo da adolescência e da vida adulta.

Para Silva, existem diferenças cruciais entre o bullying e o cyberbullying que podem ajudar a compreender estes dois fenômenos de violência, nas palavras da autora:

Essa distinção é fundamental para que possamos entender os motivos pelos quais muitos adolescentes apresentam comportamentos ilegais e antiéticos, que incluem o Bullying e o Cyberbullying (categoria mais grave). Exatamente por terem dificuldades de se colocarem no lugar do outro, muitos adolescentes acreditam que seus atos são apenas “brincadeiras” sem maiores consequências e sabem que são menores e protegidos pelo ECA (estatuto da criança e do adolescente). Outros não entendem que, se passarem uma mensagem dolosa, se tornam cúmplices (ou co-autores) da agressão e, por isso, também são passíveis de punições (SILVA, 2010, p.135).

Podemos observar que o fenômeno bullying na maioria das vezes é banalizado, sendo considerado como simples comportamento de um grupo de crianças ou adolescentes e justificado como brincadeiras sem grandes consequências. Entretanto, os danos provenientes do bullying podem ser desastrosos, afetando de maneira negativa as vítimas e podendo tomar proporções infinitamente maiores das que pretendia pelo agressor, podendo provocar desde a diminuição da autoestima, suicídio e até atitudes agressivas com resultados homicidas.

Um clique, dois cliques... Chega de bullying

Nosso objetivo com este texto científico é construir e elucidar de forma plural e horizontal conhecimento sobre o bullying, através da análise do site do Movimento Cartoon, “Chega de Bullying”, proposto pelo Cartoon Network, canal por assinatura presente em território brasileiro desde 1993. Desde então, dedica-se exclusivamente a exibição de desenhos animados produzidos nos Estados Unidos e também a alguns blocos de desenhos de outras nacionalidades, no Brasil, quem ganhou espaço na programação do CN foi a Turma da Mônica, com produções especiais em seus 50 anos.

Contudo, além da produção de desenhos, o CN Latino América (que inclui aqui o Brasil), comprometeu-se a apoiar os esforços para acabar com a violência contra as crianças sob a bandeira do Movimento Cartoon, programa de responsabilidade social, que visa principalmente no melhoramento da vida de crianças

e adolescentes vítimas do bullying. Neste estudo iremos analisar a interface do site e sua divisão de conteúdo, bem como elementos imagéticos, principalmente o personagem que compõem a campanha do “Chega de Bullying”.

Interface do Site e Conteúdo

Colorida, alegre e vibrante, a interface do site do Movimento Cartoon “Chega de Bullying” convida seu público-alvo, crianças e adolescentes, a navegarem pelas suas páginas e a participar de uma reflexão sobre a temática do bullying. Em sua página principal, a criança e o adolescentes, é convidada a assumir uma postura proativa, existe a possibilidade de navegar através de um *menu* superior "O que é bullying?, Dicas para os estudantes e dicas para os adultos : pais e educadores", segmentando seu público. Logo a baixo deste *menu*, o interagente pode fazer o download de apostilas e conhecer os parceiros deste projeto desenvolvido pelo CN, abaixo e direita, existe o termo de compromisso que norteia todo o movimento Cartoon, este termo pode ser assinado por todas as idades e regiões do Brasil. Também é possível ver através de um contador, o número de pessoas que já estão engajadas nesta proposta de mobilização social virtuais de crianças e adolescentes.



Figura 1 - Na imagem acima é possível visualizar a página inicial do site, “Chega de Bullying”, o *menu* superior, o contador de pessoas que assinaram o movimento e uma definição de bullying.

Na mesma linha, só que a esquerda, existe um vídeo, onde a criança é posta a refletir sobre as diferenças, já que estas são um dos principais mecanismos que pode fomentar a prática de bullying dentro e fora do ambiente escolar. Após, o usuário começa a ter conceitos e materiais que agreguem conhecimento a eles sobre o bullying. De forma interativa também existe a presença de uma enquete, dicas de como lidar com bullying e um quiz, que capta o quanto o interagente sabe sobre a temática. A navegabilidade do site pode ser feita através do menu superior, clicando, ou através do *scrollbar* (barra de rolagem).

Elementos Imagéticos

O movimento Cartoon possui como elemento central para a campanha “Chega de bullying” o personagem Billy, do desenho animado “As Terríveis Aventuras de Billy & Mandy” (The Grym Adventures of Billy & Mandy). Para compreender a escolha do personagem para este projeto, estudamos alguns episódios da série para elucidar as características dos personagens. Billy, personagem da campanha, é visto nos desenhos de uma forma inocente e sem maldades, ao contrário de sua amiga Mandy, que por inúmeras vezes é grosseira com seu amigo, uma personagem valentona. Puro osso, personagem do ceifador, ocupa um lugar de intermédio, não sendo violento. Com estes *inputs* fomos capazes de perceber a linha condutora entre a proposta do projeto e o desenho animado. Billy por sofrer violência, mesmo que por muitas vezes velada de sua amiga e colegas, é o personagem para a campanha que vem promover uma construção e premissas sobre o bullying. Até mesmo evocando em muitas vezes, a chamada “não fique calado, chega de bullying”, fortalecendo atitudes proativas das crianças e jovens que sofrem com esta violência.

Os desenhos presentes no site complementam a construção do texto: ora Billy está cabisbaixo na presença de um colega relatando o sofrimento do bullying, com seu pai em um sofá, ou até mesmo em posturas que elucidam a atividade de crianças que participam ativamente de ações de prevenção, como na imagem junto com o contador de pessoas envolvidas no manifesto. Onde é possível observar o personagem vibrante, com braços erguidos, simbolizando um grito de vitória. Além de disto, o personagem possui duas imagens onde está representado como vencedor: na categoria envolva-se, onde o mesmo é tipo como um “super-herói” e na categoria enquete, onde ele recebe

uma medalha por sua sabedoria. Já na interface para adultos, existem outras imagens que são relacionadas ao bullying na internet, na imagem, aparece o personagem cabisbaixo após receber um xingamento em uma rede social digital, supostamente postado por um usuário no anonimato. Além, desta podemos destacar a presença da imagem com a turma, mostrando que a escola também é um local onde a temática deve ser desenvolvida com os alunos, principalmente na aceitação das diferenças;

Vídeo: na primeira cena aparecem três crianças, com aparentemente 10 anos, andando nos corredores de um colégio. A segunda cena aparece um menino franzino com óculos, lanchando e logo em seguida a câmera mostra que um dos meninos, do grupo de três crianças, dá um “tapinha” em seu companheiro, mostrando o menino que está lanchando. Logo este menino se desloca em direção ao outro personagem que está lanchando, e os dois meninos começam a rir. Com a proximidade do menino do grupo, o garoto começa a guardar suas coisas compressa. Após, um breve diálogo sobre histórias em quadrinhos, onde o menino maior pergunta “esta é a revista nova do super capitão”, e o menino menor responde “é sim”, o menino maior diz que “adora a revista do super capitão”, e começa a conversar com o outro sobre as partes da revista. Após aparece um off com a mensagem do programa: “Nós temos muito mais coisas em comum do que diferenças, além do disso as diferenças são boas. Todos temos tamanhos, cores e qualidades diferentes. Um mundo melhor começa com amor pelo próximo, vamos nos unir, bullying é inaceitável. Saiba e assine o compromisso em - chegadebullying.com.br -, chega de bullying não fique calado”. Ao final aparecem ambos, juntos convidado um ao outro para jogar videogame e skate. No vídeo é possível perceber a presença do estereótipo do valentão e dos grupos, mas principalmente, sobre a questão das diferenças, e assinala que uma das principais ocorrências do bullying acontece, pois a pessoa não conhece ou possui receita de aceitar as diferenças.

Material didático: as apostilas são destinadas para os públicos do site, principalmente crianças e adolescentes, professores do ensino básico (ensino fundamental e médio) e gestores. As apostilas são divididas nas seguintes categorias: Chega de bullying não fique calado: introdução, Estudantes do ensino fundamental I, Docentes do ensino fundamental I, Estudantes do ensino fundamental II e médio, Docentes do ensino fundamental II e médio, Pais, mães e responsáveis e Diretores,

diretoras e demais gestores e gestoras. Os materiais são coloridos e interativos fazendo com que a criança e o adolescente venham identificar melhor as situações do bullying e suas apresentações no cotidiano.

Considerações Finais

Compreender como as mídias são capazes de auxiliar na (in)formação de crianças e adolescentes foi uma das principais preocupações que tivemos no transcorrer da construção deste artigo. Pensamos em mostrar como a Comunicação pode gerar bons resultados na sociedade midiática, encontramos no Movimento Cartoon um exemplo que pode ser seguido por inúmeras empresas brasileiras, não somente no combate do bullying, mas sim, na conscientização de uma sociedade não violenta. O Cartoon Network cumpre através do Movimento Cartoon com seu objetivo de informar e formar juntamente com o consumo dos desenhos, seu principal produto online e off-line, a importância do debate sobre o bullying, a aceitação do diferente e a construção de uma sociedade sem violência. Mesmo ao se tratar de um canal por assinatura e por assim atingir um número restrito de crianças e adolescentes, o movimento é capaz de articular atores sociais importantes para a discussão desta temática. Os elementos educativos, e o movimento nas redes sociais, faz com que o movimento cartoon seja apreciado por crianças e adolescentes, pois, traz no seu núcleo estruturante o Billy, personagem de um desenho animado que é violentado por sua amiga e outros personagens de “As Terríveis Aventuras de Billy e Mandy”, mostrando que as animações também podem ser um espelho daquilo que vivenciamos em nosso cotidiano social. O projeto não é engessado, ou seja, não se limita a informar a criança e o adolescente, ele faz um elo entre a comunidade escolar e também aos pais e professores, adultos que devem estar atentos as atitudes de suas crianças e adolescentes, nesta construção, o site serve traz dicas de como os adultos podem identificar atitudes que crianças e adolescentes possuem quando são violentados por seus pares. Estas características são diferenciadas entre o bullying e cyberbullying, mostrando para os sujeitos responsáveis que a prática do bullying também ocorre no ambiente virtual. Salientamos também aqui, a rede formado pelo Cartoon Network, na produção deste projeto composto pela Plan , Visão Mundial , Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) , Facebook e o Governo do Estado

de São Paulo , onde está situado o escritório no Brasil. Muito mais que compreender todo o conceito do bullying, o projeto se mantém convicto que a importância é artigos forças para melhorar a qualidade de vida de meninos e meninas, crianças e adolescentes que sofrem com a violência seja ela no ambiente familiar, na rua, na escola ou até mesmo em ambientes virtuais.

Referências

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Rostos de Crianças no Brasil. In RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. (Org.). **A Arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011. P. 153- 202.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: promulgado em 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm >

_____. Projeto de Lei Nº ____ 2009. **Programa de Combate ao Bullying**. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/F6hJui>>

_____. Estado do Rio Grande do Sul. **Lei Estadual do Rio Grande do Sul - Lei nº 13474-10- RS-Bullying**. Disponível para acesso em: <<http://goo.gl/LTsU0Y>>

_____. Estado do Rio Grande do Sul. **Município de São Borja – RS. Projeto de Lei. Projeto de Lei Municipal de São Borja - PL nº086-2013**. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/7FGzWo>>

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignación y Esperanza**. Alianza Editorial. Madrid, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

RECUERO. Raquel. **Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet**. In: Alex Primo. (Org.). **Interações em Rede**. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-70.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. (Org.). **A Arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA, Telma Brito. **Bullying**: conceito e contextos da violência. Revista Ateliê. Salvador. n.7. p. 24 - 30. Agosto 2012.

TOGNETTA, Luciane Regina Paulino. **A formação da responsabilidade ética**: estratégias de trabalho com afetividade na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia Maria Duarte Furquim. **Mobilização Social**: um modo de construir a democracia e a participação. UNICEF – Brasil, 1996.